

CORREIO POLÍTICO

Kayo Magalhães/Câmara dos Deputados



Hauly quer acabar com transição até 2032 do IBS

Hauly quer acelerar reforma tributária

O deputado Luiz Carlos Hauly (Podemos) começou a recolher esta semana assinaturas de apoio para uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que visa acelerar a reforma tributária. Hauly, que é o autor do Simples, é considerado também um dos pais da ideia de criação de um Imposto sobre Valor Agregado (IVA) como tributo do consumo brasileiro. São suas as propostas iniciais que resultaram no texto aprovado. Por isso, até hoje ele só chama os novos impostos de “IVA 5.0” (referência às mudanças havidas). A PEC para a qual Hauly busca apoio visa acabar com o longuíssimo período de transição que foi aprovado para os novos impostos. Pela sua proposta, tudo passaria a valer já a partir do ano que vem.

Tudo com o novo presidente

Hauly quer que os dois novos impostos – a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), federal, e o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), de cobrança estadual e municipal – comecem a valer ambos já em 2027. “É totalmente possível, desejável e necessário”, disse Hauly ao Correio Político. “A economia brasileira precisa para voltar a crescer”, defende. “E o novo presidente do Brasil já começaria o governo com um sistema tributário mais moderno”.

Ricardo Stuckert/PR



Transição longa foi prevista na reforma aprovada

2027 seria só a CBS

O projeto que foi aprovado pelo Congresso estabeleceu que a CBS começaria a vigorar em 2027. Com isso, extinguem-se o PIS/Cofins e o IOF-Seguros. Quanto ao IBS, se iniciaria aí uma longa transição que, pela proposta, só termina em 2032, com o novo imposto entrando em vigor totalmente somente em 2033. Por todo esse período, os impostos atuais (ICMS e ISS) ficam sendo cobrados ao mesmo tempo. Gradualmente, aumenta-se a alíquota do IBS (no ano que vem, somente 0,1%). Uma saída que os contadores já admitem complicada.

Menos burocracia

“É preciso tirar as gorduras do sistema que hoje entram o desenvolvimento”, prega Hauly. “Implantar o IVA 5.0 na integralidade, IBS e CBS ao mesmo tempo, vai resolver todos os problemas de burocracia num processo de transição muito complicada”, defende Hauly. “Não vejo dificuldade, só vejo necessidade”, avalia o deputado ao fazer a sua proposta.

POR
RUDOLFO LAGO

Transição

Por que, então, o que Hauly agora propõe não foi feito logo na reforma? Na verdade, toda a discussão em torno da reforma gerou muita cautela. O modelo de IVA – usado na maior parte do mundo – é uma mudança radical. Por isso, argumentou-se que era necessário um período longo de adaptação.

Perde e ganha

O maior problema é a chamada sensação de perde e ganha, que permeou boa parte do debate. Setores da economia, a União, os estados e os municípios, ficam fazendo contas quanto a se irão perder ou ganhar. Além da alíquota geral, há diferentes alíquotas para determinados produtos e serviços.

Paralelo

Daí, a ideia de se criar um tempo longo em que os velhos impostos e os novos convivessem, como forma de ir ajustando e calibrando as mudanças. O problema disso é que torna a contabilidade muito mais complicada. É preciso prever os pagamentos tanto dos impostos atuais quanto dos novos.

Comitê

Para além de tudo, há ainda uma briga política que até agora não foi resolvida: a composição municipal do Comitê Gestor que vai definir como o dinheiro arrecadado dos impostos será distribuído entre União, estados e municípios. No novo modelo, o imposto é pago somente no destino – onde o produto ou serviço é comprado.

Briga

A Confederação Nacional dos Municípios (CNM), que congrega cidades menores, e a Frente Nacional dos Prefeitos, das capitais e municípios maiores, não se entendem sobre como dividir as 27 vagas do comitê. Isso chegou a atrasar a reforma. Até que se resolveu deixar que a solução para depois.

Problema menor

Até agora, não se entenderam. Em princípio, 14 vagas seriam eleitas pelo voto igual de cada município e 13 ficariam para as cidades de maior população. A CNM quer poder votar para todas as 27 cadeiras. Enquanto isso, não se define a composição. Para Hauly, isso, porém, “é um problema menor”. Não atrapalharia.



Quaest coloca Flávio em empate absoluto com Lula

41% a 41%: Lula e Flávio em empate rigoroso

Pesquisa Quaest confirma crescimento do senador

Por Gabriela Gallo

O último levantamento da Pesquisa Genial/Quaest, divulgado nesta quarta-feira (11), revela que, caso as eleições presidenciais ocorressem atualmente, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador da República Flávio Bolsonaro (PL-RJ), estariam rigorosamente empatados em um eventual segundo turno.

Pesquisas eleitorais anteriores já registravam empate técnico entre o presidente e o senador. Contudo, neste levantamento, em um eventual segundo turno ambos teriam 41% das intenções de votos, com 16% dos eleitores votando em branco ou nulo. Em comparação aos demais candidatos, Flávio é o único que empata com Lula.

O levantamento ouviu 2.004 eleitores com mais de 16 anos distribuídos em todas as unidades da federação, entre os dias 6 a 9 de março. O nível de confiança é de 95% e a margem de erro é de dois pontos percentuais (p.p.).

Ao Correio da Manhã o professor de Políticas Públicas do Ibmec Brasília Arthur Wittenberg destacou que o resultado reflete que o nome de Flávio “deixou de ser apenas um nome do campo bolsonarista e se tornou uma candidatura competitiva”.

Ele ainda explicou que a situação decorre de um desgaste do governo. Segundo a pesquisa, 51% dos entrevistados desa-

provam o governo Lula, 43% o avaliam como negativo e 58% acham que o país está na direção errada. “Quando o incumbente está nessa situação, o opositor tende a crescer quase por gravidade”, completou.

Apesar do crescimento registrado, o professor universitário afirmou que a situação e trajetória de Flávio não é irreversível.

“O que a pesquisa permite afirmar com segurança é que ele cresceu, se viabilizou e empatou. O que ela ainda não permite dizer é se ele conseguirá transformar esse crescimento em liderança estável. Isso dependerá da percepção econômica nos próximos meses, da capacidade do governo de reverter seus indicadores de aprovação e da habilidade de Flávio de ampliar seu alcance para além da direita e do bolsonarismo”, avaliou.

Diante disso, o analista avaliou sinais mistos de que Flávio teria “encostado no teto” ou não. “De um lado, sua rejeição já está em 55%, praticamente no mesmo nível de Lula, e apenas 38% o veem como o mais moderado de sua família, o que limita a expansão para o centro. Por outro lado, ainda há espaço potencial: Lula está em 41% de intenção de voto entre quem o conhece, enquanto Flávio está em 36%, com 9% de desconhecimento residual contra apenas 3% de Lula. Isso sugere Lula mais próximo de um teto”.